

Desmunhecando e empretecendo a universidade: escriturências de corpos pretos, afeminados e sapatônicos

Camping it up and blackening the university: escriturências of black, effeminate and sapphic bodies

Desperdiciando y ennegreciendo la universidad: escriturências de cuerpos negros, afeminados y sapatônicos

Maurício Barbosa de Lima

Universidade Federal do Paraná

E-mail: mauriciobarbosalima@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7661-8478>

Megg Rayara Gomes de Oliveira

Universidade Federal do Paraná

E-mail: meggrayaragomes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9203-9989>

RESUMO:

Neste trabalho, aborda-se o movimentar sinuosamente a coluna e os quadris para tornar a universidade mais preta e afrescalhada, levantando-se a seguinte questão: o que podem os corpos pretos, bichas e sapatões ao se reunirem em torno de uma professora travesti e negra em aulas que interseccionam gênero e raça? O salto alto, como instrumento político, causa barulho em um ambiente higienizado e abre espaço para diferentes corporeidades ocuparem uma instituição pública de ensino superior. A escriturência, criada pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo, surge neste trabalho de abordagem qualitativa como uma ferramenta metodológica intrínseca a uma perspectiva de pesquisa implicada, situada

LIMA, Maurício Barbosa de; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Desmunhecando e empretecendo a universidade: escriturências de corpos pretos, afeminados e sapatônicos.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41775>>

entre produção artística e científica dos seus participantes. *Escrevivências* de corpos que desmunhecaram e empretecem a universidade, apontando para uma positividade ao criar áreas de pertencimento, compartilhamento e coletividade.

Palavras-chave: *Escrevivências. Corpo. Interseccionalidade. Gênero e raça.*

ABSTRACT:

In this paper, the sinuous movement of the spine and hips is approached to make the university more black and camp, raising the following question: What can black bodies, queers and sapphics do when they gather around a transvestite and black teacher in a class that intersects gender and race? The high heels, as a political instrument, causes noise in a sanitized environment and opens space for different bodies to occupy a public institution of higher education. The *escrevivência*, created by the writer and researcher Conceição Evaristo, emerges in this work with a qualitative approach as a methodological tool intrinsic to an implied research perspective, placed between artistic and scientific production of its participants. *Escrevivências* of bodies that camp up and blacken the university, pointing to a positivity by creating areas of belonging, sharing and collectivity.

Keywords: *Escrevivências. Body. Intersectionality. Gender and race.*

RESUMEN:

En este trabajo se aborda el movimiento sinuoso de la columna vertebral y las caderas para hacer que la universidad sea más negra y gay, planteando la siguiente pregunta: ¿Qué pueden hacer los cuerpos negros, queers y lesbianas cuando se reúnen alrededor de una profesora travesti y negra en clases que cruzan el género y la raza? El tacón alto, como instrumento político, provoca ruido en un ambiente higienizado y abre espacio para que diferentes cuerpos ocupen una institución pública de educación superior. La *escrevivência*, creada por la escritora e investigadora *Conceição Evaristo*, aparece en este trabajo como un enfoque cualitativo como herramienta metodológica intrínseca a una perspectiva de investigación implícita, situada entre la producción artística y la científica. *Escrevivências* de cuerpos que desnudan y ennegrecen la universidad, apuntando a una positividad al crear espacios de pertenencia, de compartir y de colectividad.

Palabras clave: *Escrevivências. Cuerpo. Interseccionalidad. Género y raza.*

A vida é melhor quando a gente canta! A vida é melhor quando a gente rebola, sacode e rodopia! (Lázaro Ramos, interpretando Madame Satã).

Introdução

Pretas, sapatões, bichas e travestis ocupando a universidade. Corpos de pesquisadoras e pesquisadores, afrescalhando a pesquisa científica e fazendo barulho com os seus turbantes, batons vermelhos, saltos, miçangas, rebolados e fazendo bico para a tradição rançosa. Porque essas pessoas são como lantejola: se não brilhar, corta. Desmunhecar a pesquisa na Educação e gargalhar alto para trás: essas corporeidades dançantes festejam juntas e fazem da alegria a sua postura política. Certamente, a viadagem está em todo lugar, inclusive em lugares de destaque, a exemplo da professora travesti, lotando uma sala de aula, reunindo muitos corpos que se agregam para bater cabelo, criar vida e afirmar positivamente as corporeidades pretas, afeminadas e caminhoneiras. Essa dança, inventada coletivamente, suspende e questiona a égide acadêmica elitista apoiada sobre alicerces eurocêntricos.

Neste texto, dedica-se a pensar acerca do que podem os corpos pretos, bichas e sapatões ao se reunirem em torno de uma professora travesti e negra em aulas que interseccionam gênero e raça. Para tanto, propõe-se acompanhar percursos vivenciados na disciplina “Educação Étnico-Racial e Estudos Contemporâneos”, ministrada pela professora travesti negra Megg Rayara Gomes de Oliveira¹ no primeiro semestre de 2022.

A disciplina eletiva foi ofertada pela linha de pesquisa “Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), *Campus* Rebouças, em Curitiba, Paraná.

A turma era composta por 25 (vinte e cinco) pessoas, sendo 15 (quinze) do gênero feminino e 10 (dez) do gênero masculino. A maioria, 18 (dezoito) discentes, reconheciam-se como negras; 4 (quatro), como brancas; 1 (uma), como indígena; e 2 (duas) não declararam seu pertencimento racial. Embora todas as pessoas da turma fossem lidas socialmente como cisgêneras, as fronteiras não estavam assim bem demarcadas, e categorias como bicha, viado e sapatão eram acionadas com certa regularidade pelos 6 (seis) estudantes gays e pelas 3 (três) estudantes lésbicas.

A diversidade da turma também se observa em relação ao local de origem das/dos estudantes, sendo algumas/uns nascidas/os na região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil; uma estudante natural da Guiné Bissau; e outro estudante de Angola.

A composição da turma, na qual se concentra este estudo, fez com que se adotasse como ferramenta metodológica as *escrevivências*, conceito criado por Conceição Evaristo² (2007), que se referem às produções textuais das/dos estudantes que frequentaram as aulas da professora Megg. Esses escritos resultaram do preenchimento de um formulário on-line, via Google Forms, divulgado no grupo do WhatsApp dedicado à disciplina, e revelam uma perspectiva de pesquisa implicada, devido ao modo como refletem as vivências dos próprios participantes. As narrações de si, ao configurarem uma discussão ética, estética e poética, dão vazão a um processo criativo que abre espaço para uma escrita literária (SOARES; MACHADO, 2017, p. 208). Trata-se de uma elaboração textual que está situada entre a produção científica e a artística dos participantes, causando fissuras nos formatos tradicionais de se fazer pesquisa.

Embora o conceito de *escrevivências* tenha sido cunhado por Conceição Evaristo (2007) para trazer à tona narrações de si de mulheres negras, pede-se licença a ela e propõe-se neste trabalho uma ampliação em seu uso, para abranger as vozes de corporalidades pretas, bichas, sapatões e travestis. Ademais, conforme Lissandra Vieira Soares e Paula Sandrine Machado (2017, p. 208) ressaltam, as *escrevivências* podem ser consideradas como uma virada epistêmica alimentada pela “diferença como produtora de vida e de processos de subjetivação.”

Escrever é, assim, um questionamento contundente à história oficial única, como alerta a escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Esse aspecto opera uma dimensão ética e estética na produção de conhecimento, pois confecciona uma teia de saberes imbricada com a multiplicidade de narrativas. Enquanto falam sobre si, essas narrativas evocam um “nós” compartilhado, escrevivências singulares se entrelaçam e apontam para uma coletividade.

A interseccionalidade emerge neste trabalho como um conceito filosófico, que permite aliar mais de um marcador social na pesquisa. Embora essa abordagem já estivesse presente nas lutas das mulheres negras contra o regime escravista nos Estados Unidos e no Brasil, bem como nas discussões e produções teóricas de feministas negras nesses dois países (OLIVEIRA, 2020), foi Kimberlé Crenshaw (2002) quem a criou em 1989. A jurista afro-americana afirma que tal postura científica está permeada por relações dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de subordinação, apontando as desigualdades que balizam e estruturam as posições relativas de raça, gênero, classe, dentre outras (CRENSHAW, 2002).

Ainda que a interseccionalidade tenha nascido e se desenvolvido no seio do feminismo negro, o conceito ganha novos usos na atualidade, como reitera a professora Megg Rayara de Oliveira (2020), ao citar estudos de teóricos brasileiros negros homossexuais que interseccionam racismo e homofobia, como Ari Lima e Felipe de Almeida Cerqueira (2007), Alex Ratts (2007) e Osmundo Pinho (2008), por exemplo. De acordo com a pesquisadora, a interseccionalidade “não trata especificamente das questões que envolvem mulheres negras, podendo ser aplicado a outros grupos” (OLIVEIRA, 2020, p. 88).

As escrevivências, presentes nos textos escritos pelas/os estudantes que cursaram a disciplina “Educação Étnico-Racial e Estudos Contemporâneos”, trazem experiências de vida que são compartilhadas e analisadas neste estudo, não para se chegar a uma síntese interpretativa das narrativas de si, mas para pôr em cena a multiplicidade das corporalidades e dos saberes que essas escrevivências moveram durante as aulas.

Requebra, sim! Criação de espaços mais enegrecidos, afrescalhados, travestidos e sapatônicos na universidade

Neste trabalho, propôs-se realizar a intersecção entre raça e gênero, a fim de apontar novas corporeidades e como elas requebram, embichalham, enviadecem, sapatonizam e travestilizam saberes, ao criarem espaços de reinvenções dentro da universidade. Mais do que indicar as consequências e marcas que o racismo, patriarcalismo, machismo, homo/lesbofobia, transfobia, dentre tantas outras formas de opressão, deixaram e deixam nos corpos humanos, pretende-se apresentar a potência de vida que há quando, no salto alto, uma travesti professora dá aula e compõe microrrevoluções no espaço acadêmico.

A coletividade, nesse sentido, é alimentada por vivências de corporeidades que se relatam, e, ao se relatarem, compartilham vivências que são dançadas em comunidade, inaugurando outras formas de habitar a universidade. O suingue dos quadris produz, assim, espaços de pertencimento, acolhimento e (re)existência, onde se dança para desendurecer verdades, afirmar a vida, criar trincheiras, como num jogo de capoeira. É o que se pode depreender do trecho de escrituragem a seguir:

Botando a mão nas cadeiras, balançando o quadril, fazendo bico. É na aula Educação Étnico-Raciais que danço. Encontro espaço para meu corpo se comportar de uma forma deseducada. Nessa aula, recebo muitos abraços apertados. De salto alto, como a professora Megg. Hoje na aula, houve um momento do cafezinho. Café trazido por colegas de turma. Um convite feito: quer tomar café? Nesse momento de encontros, conversei com Rato (um colega de turma). Ele é da capoeira. Conversamos sobre um movimento de “higienização” que há na UFPR. Como o corpo se comporta aqui? O prédio que ocupamos para ter aulas é recente. Suas paredes predominantemente brancas testemunham um ambiente notadamente silencioso. Frio de Curitiba. Pontas dos dedos gélidas. A qualquer momento pode surgir uma maca levando algum cadáver. “Hospitalar”, disse Rato. Como fazer o corpo dançar nesses espaços? Rato me disse que para o jogo da capoeira acontecer, tem que dar “espaço”. Quadril solto. Coluna serpenteando. O jogo quer que você mostre sua “dança”. Cada um tem seu gingado. Sou contaminado com o que Rato falou porque não acredito numa pesquisa que não saiba dançar (Escrituragem de Maurício Barbosa de Lima).

Nesse recorte de escrituragem, tem-se um exemplo de como a universidade se materializa em um lugar “higienizado”, que mantém práticas reiteradas de apagamentos de corporeidades divergentes do que é considerado hegemônico. As diferentes corporalidades, quando se unem, efetivam uma zona acolhedora, em que uns ajudam aos outros, compartilhando as suas dores e alegrias. A partir

das suas múltiplas experiências, ao adentrarem na universidade, essas pessoas passam a problematizar o agouro mortífero das verdades que não fazem mais sentido. Essa percepção também está presente no relato da doutoranda Yasmin Cartaxo Lima, mulher cis, branca, lésbica/sapatão, ao apontar que as aulas possibilitaram não apenas o exercício de pensar sobre, mas também de presentificar, de corporificar o que estudavam:

As aulas não só me fizeram pensar sobre as corporeidades negras, mas também presenciá-las na Universidade. Afinal de contas, o meio acadêmico é marcadamente branco, então estar presente em uma turma na qual a maioria de meus e minhas colegas são negros e negras foi algo novo. Todos esses corpos somados às leituras fazem pensar na importância da experiência, da vida, para a pesquisa que gostaríamos de realizar. Chega de pesquisas impessoais, de pesquisar sobre, de neutralidade (Escrevivência de Yasmin Cartaxo Lima).

A constatação, presente nos trechos acima, de que a universidade privilegia um saber marcadamente hegemônico e embranquecido também está na produção da pesquisadora brasileira Aparecida Sueli Carneiro (2005, p. 123), para quem as instituições brasileiras de ensino superior estão povoadas com os fantasmas da “branquitude do saber, a profecia autorrealizadora, a autoridade exclusiva da fala do branco”. Esses fantasmas, de acordo com a autora, devem ser enfrentados sem mediações para que os corpos que antes não estavam, passem a ocupar o espaço universitário, como se pode testemunhar no trecho de escrevivência abaixo:

Eu achava que não fazia parte desse ambiente, pois o desafio de ser mulher, negra e com narrativas vulneráveis de acordo com sua trajetória de vida. Embora o acesso de alunas/os negras/os cresceram nos últimos anos, mas ainda me deparo com grande dificuldade para se destacar no universo específico da academia. As discussões das aulas levantaram grandes expectativas e me fizeram acreditar que esse lugar também me pertence, e qualquer empecilho que seja para que eu possa me fortalecer cada vez mais (Escrevivência de Ana Lúcia Mathias Fernandes Coelho).

Acerca das experiências dos corpos de negras e negros no ingresso na universidade, a historiadora Mariléa de Almeida (2022) salienta que os desafios não terminam com o ingresso no âmbito acadêmico. O espaço universitário, constituído sob a branquitude do saber, reproduz cotidianamente a sua forma de pensar “pela linguagem, pelos gestos e pelos modos como os saberes são construídos” (ALMEIDA, 2022, p. 246). O privilégio conferido à branquitude legitima relações assimétricas que, por mais amigáveis que possam parecer, perpetuam expressões racistas e excludentes.

O apagamento das corporalidades negras, identificado na escrituragem de Ana Lúcia, também é expressado pela discente Janine Soares. Na sua escrituragem, além de relatar a dificuldade que teve no acesso ao ensino superior, ela cita a articulação dos temas estudados durante as aulas com a sua produção acadêmica nestes termos:

As experiências na universidade criaram condições para que eu compreendesse que algumas de minhas inquietações estavam ligadas diretamente a minha experiência de vida. Esta afirmação está baseada em meu percurso de estudo e trabalho até chegar a pós-graduação, pois apesar de ter sonhado aos 18 anos em ser professora universitária, foi somente com 37 anos que consegui acessar o curso de licenciatura. Desta forma procuro entender as desigualdades de acesso, permanência e sucesso à educação superior.

As inquietações apresentadas no artigo final da disciplina dizem respeito a minha experiência como uma mulher, cis, hétero, negra de pele clara, pobre, trabalhadora e impedida de concluir uma formação universitária por 20 anos (Escrituragem de Janine Soares).

As ações afirmativas descritas na escrituragem de Janine dizem respeito a um conjunto de políticas públicas brasileiras que, dentre tantas certificações legais, facilita o acesso de negros e negras à universidade. Um exemplo é a lei de cotas sociais e raciais, sancionada em 2012 pela, então, presidenta Dilma Rousseff, que reserva metade das vagas das universidades federais a estudantes procedentes de escolas públicas, atendendo a critérios de renda e raça (Mônica OLAZA, 2015, p. 123).

Segundo o que Mariléa de Almeida (2022) explica, as ações afirmativas começam, muito recentemente, a reverter uma segregação racial brasileira que, embora não seja oficializada, manifesta-se na ausência de negras e negros nas universidades públicas. Essa reversão, contudo, ainda é insatisfatória, “se pensarmos em como foi o período de exclusão e como é majoritário o contingente de negras e negros na composição da população brasileira” (ALMEIDA, 2022, p. 244).

Como se pode testemunhar na escrituragem de Janine Soares, a pesquisa é indissociável das suas experiências de vida. Em sua escrituragem, a educanda leva o leitor em potencial a identificar alguns dos desafios que teve até entrar na universidade e como a sua trajetória de vida está interligada aos seus interesses de pesquisa. Esses aspectos também estão presentes na escrituragem da doutoranda Mariana Souza:

Para além dos textos, eu me senti feliz, pois no dia que apresentei seminário eu pude falar e ser ouvida. Pude dialogar e me sentir confortável com o meu discurso. Eu já falei várias vezes sobre pessoas negras representadas em imagens. Mas, eram contextos que eu sabia que minha fala poderia facilmente ser desqualificada e que o olhar das pessoas para mim seria de desprezo e incompreensão. Nesses momentos eu apresentava com a voz trêmula, o coração disparado e um medo muitíssimo grande. Mas, na disciplina eu apresentei minhas reflexões com o Alan e sabia que as pessoas poderiam me olhar de forma diferente. Que as pessoas ali poderiam aprender comigo, discordar com respeito, dar sugestões e contribuições em um momento de troca. Isso foi maravilhoso, pois falar sempre é muito difícil para mim. Lembro de ver as alunas brancas falando muito na sala, quando eu cursava a graduação e elas discursavam de modo tão natural e eu me perguntava “por qual razão eu não consigo expor meus pensamentos com essa liberdade?”. E na disciplina eu tive oportunidade de falar com propriedade e confiança, como poucas vezes fiz (Escrevivência de Mariana Souza).

A corporalidade trêmula de Mariana vai se transmutando em uma sensação de mais “liberdade” para se expressar. A coragem e a confiança ganham força, pois o seu corpo de mulher preta move um campo de saberes atrelado a vivências singulares.

Nesse sentido, tem-se nas contribuições de Fran Demétrio e Hilan Nissior Bensusan (2019), um olhar crítico para abordagens científicas que sustentam narrativas coloniais, racistas, sexistas e cisheteronormativas em detrimento de uma suposta neutralidade. Ao defenderem os direitos humanos epistêmicos, a autora e o autor³ criticam o projeto epistêmico cibernético⁴, projeto este que se configura deslocado das condições de produção de determinado saber, fabricando normatividades indiferentes aos mais variados contextos.

Quando, em uma sala de aula, corporalidades trans, pretas, gays, lésbicas falam sobre si, dialogando e confrontando com o que se estuda, é gestada uma relação horizontalizada com os saberes. Essa horizontalidade põe em xeque um fazer científico cibernético, a partir da compreensão de que a produção de conhecimento é um direito humano. A esse respeito, o recorte de escrevivência a seguir é sobremaneira sintomático:

As aulas proporcionaram a pensar que durante toda a minha vida escolar, acadêmica e profissional tive pouquíssimos colegas e amigos/as negros/as. [...] Além disso, estes corpos muitas vezes são tratados como objetos de estudo e não como produtores de conhecimento. É necessário, descolonizar os currículos das escolas e universidades, outras histórias precisam ser contadas (Escrevivência de Flávia Gisele Nascimento).

A escrevivência de Flávia é uma crítica a uma ciência que usa corporeidades pretas como objeto de análise, não considerando os saberes que elas produzem. O relato se une à defesa dos direitos humanos epistêmicos, pois sinaliza um rompimento com as leis hegemônicas de fazer ciência e/ou produzir conhecimento na academia. Essa ruptura se efetiva em uma abordagem científica implicada com a imanência dos acontecimentos. Diferentemente do projeto epistêmico cibernético, assegura-se um compromisso com uma produção de conhecimento localizada, situada e atrelada a um fazer político empenhado a questionar se os métodos utilizados são dignos ou indignos perante “outras vozes, do que dizem os outros” (DEMÉTRIO; BENSUSAN, 2019, p. 120).

Escrever e a *Escrita de si* na universidade: uma experimentação poética e, ao mesmo tempo, científica

Nesta seção, articula-se o conceito de escrevivências com algumas considerações presentes na obra *Escritas de si*, do filósofo francês Michel Foucault (1992). Trata-se de um olhar que acompanha a processualidade dos acontecimentos e que auxiliará no embasamento teórico de uma proposição de pesquisa científica imbricada com um fazer artístico, no sentido de que as narrativas compartilhadas pelas/os participantes desta pesquisa, ao mesmo tempo em que veiculam a expressão de uma singularidade, também veiculam um meio de se expressar a partir de, por meio de e em nome de um coletivo.

Ressalta-se que diferentes narrativas surgiam nas aulas. Em um desses relatos de si, uma educanda, após mencionar atos racistas que sofreu na infância, questiona a importância de falar sobre situações dolorosas que viveu. A pergunta da colega de turma é registrada em uma das escrevivências, levando a pensar sobre o uso de autobiografias na produção de conhecimento:

Lilian falou que durante uma sessão de terapia, percebeu que não tem lembranças de sua infância. O terapeuta, então, perguntou se ela sofreu racismo na infância, por conta do processo de esquecimento relatado. Lilian, ao relacionar o que nós debatemos nas aulas e a pergunta de seu terapeuta, responde que durante muito tempo da sua vida não queria se olhar no espelho e evitava qualquer superfície que refletisse seu corpo. Durante o relato, Lilian questiona sobre a importância de compartilhar momentos íntimos de sua vida. Sublinho a inquietação da colega, porque ao escrever e relatar momentos de minha vida (alguns tão dolorosos), também questiono a importância de conteúdos autobiográficos no espaço acadêmico. Sou surpreendido com a fala da professora Megg ao responder: “isso é importante, pois você está fazendo uma escrita de si” (Escrevivência de Maurício Barbosa de Lima).

A resposta da professora ao questionamento de Lilian leva ao texto *A escrita de si*, de Michel Foucault (1992). O filósofo francês, na sua obra, compreende a escrita como uma arte díspar, um exercício de si para si, agindo tanto naquele que escreve quanto naquele que recebe/ouve.

No contexto da pesquisa em educação no Brasil, no livro *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e educação básica*, organizado por Rosimeri de Oliveira Dias e Heliana de Barros Conde Rodrigues (2019), diferentes professoras pesquisadoras, tanto das escolas básicas quanto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), trabalham o texto foucaultiano a partir de exercícios ensaísticos. Nele, há um conjunto de artigos que indicam o escrever sobre si como um processo pelo qual é possível acompanhar o movimento dos pensamentos dessas autoras; nos termos de uma delas: um “exercício que favorece uma análise, auxiliando os atos de afirmação que nos constituem” (LIMA; DIAS, 2019, p. 90).

Quando as narrações sobre si emergem de uma produção textual, uma dupla função ocorre, uma vez que as palavras agem não só em quem escreve, mas também em quem lê. Além disso, ao escrever, movimenta-se aquele que escreve, pois lê o que foi posto no papel ou na superfície. Ao receber os escritos, relê-se o que foi dito e se é convidado a, possivelmente, respondê-lo. Como afirma a pesquisadora Rosimeri de Oliveira Dias (2019, p. 27), o compartilhamento dessas escritas de si entre docentes conduz a uma experiência modificadora de si que mantém “[...] vivo um campo problemático, afirmando para os que praticam a importância de se deslocar e se transformar, não seguindo as pegadas do mestre, mas procurando, em comum, desindividualizar processos e propor práticas coletivas”.

Dessa forma, as narrações que se faz sobre si não é apenas um veículo de comunicação, mas um meio pelo qual se pode produzir efeitos, acompanhar processos. As diferentes maneiras de se relatar apresentam um aspecto coletivo na pesquisa, tensionando a fronteira entre arte e vida. “Vida e pesquisa imbricadas, provocando rachaduras, invenções, olhares outros para o que está aí, [...] se faz como constituição de si, modos de existência ou, ainda, uma estética da existência” (LIMA; DIAS, 2019, p. 93).

As escritas de si, neste texto, aparecem a partir das escrevivências das corporalidades negras, lésbicas, gays e travestis que, ao trazerem as suas narrativas, problematizam discursos hegemônicos e racistas presentes em ambientes educativos, como é evidenciado no escrever a seguir:

Me remete muito a minha infância, de todas as vezes que na minha escola, não era escolhida para dançar nas festas juninas, participar de um teatro, nas aulas de educação física, eu sobrava por não ser escolhida, no dia do brinquedo, por não ter nada para compartilhar com as colegas, não me deixavam participar das brincadeiras, máximo que consegui apresentar no festival de dança, fui caracterizada de Saci Pererê, e na circunstância me achando o máximo com apenas 8 a 9 anos de idade. Aos poucos fui me reconhecendo como adolescente preta, mas com adjetivos de subalternidade com critérios de classificação negativados em relação a minha cor, como: Negrinha do cabelo duro, beijola, macaquinha ou negra fedida. Trajetórias que nunca me esqueço, mesmo tendo momento que a própria academia me remete ao passado, mesmo estando em curso de Pós [...]. Mas cada fala da Megg, eu conseguia me enxergar completamente, principalmente quando ela dizia em voz alta: “Não permita, Não abaixe a cabeça, Não desista, Não se destrua... Mas cada tombo seu, levante fortalecida e de cabeça erguida! E diga! Cheguei até aqui, meu bem, e pra ficar, mesmo que você tente me derrubar! Esse espaço também é meu [...]” (Escrevivência de Ana Lúcia Mathias Fernandes Coelho).

Ana Lúcia, na sua escrevivência, aponta processos discriminatórios que sofreu ao longo da sua vida. Os “adjetivos de subalternidade”, como ela expõe, marcaram o seu corpo de mulher negra. Para Ana, essas marcas estão presentes, não podendo ser meramente esquecidas. Porém, ao narrar o que viveu, Ana finca os seus pés no chão como uma árvore. Os seus pés, raízes. As suas mãos e dedos, galhos. Toda a sua pele se faz em uma casca grossa, que a protege e a nutre. Ana-árvore. Ana-frutos. Ana-sombra. Ana-raízes. Ana que ocupa e diz: “esse espaço também é meu”. Ana-árvore que não tem a intenção de “desvendar um segredo”, “uma verdade por trás dos discursos”, mas de praticar a produção de si (KASTRUP; GURGEL, 2019, p. 61).

A escrita, como experimentação, é uma composição relacionada com um tempo de pensar como processo de produção e transformação de si – esta última vista no sentido de polemizar efeitos de como cada um se torna sujeito de determinada ordem do discurso e de fazer operar, em si, modos de singularização (COSTA, 2019, p. 113). A esse respeito, convém apresentar a seguinte reflexão:

Em 2012, eu estava em crise com os ensinamentos da igreja. Passei 20 anos da minha vida sob o jugo de um pensamento transcendental que me dizia o que era certo ou errado. Sempre questionei, mas junto a isso assumia aquela “verdade” e quando orava questionava a uma invenção divina: “por que eu nasci assim?” Horas de choro. Cotidianamente “policiava” meu corpo para que não falasse “fino”, para

não “desmunhecar”, para não “rebolar”. Um dia um pastor me chamou para conversar e me orientou a “policiar” meu “jeito de ser”. Em 2012, em uma aula de Danças Populares, estava em processo criativo de um espetáculo que trazia matrizes de movimentos das danças dos orixás. Naqueles batuques, meu corpo já conhecia. Eu dançava como se já soubesse o gingado. “Maurício, você já dançou em terreiro?” - perguntou o diretor, que é candomblecista “Nunca!” “Eu gravei você dançando. Olha isso.” – Ele me mostra em um visor de uma câmera meu corpo em movimento, junto com os sons percussivos. Eu não me conheci. Era um Maurício diferente. Bonito e estranho. Uma sabedoria do corpo (Escrevivência de Maurício Barbosa de Lima).

O questionamento às normas de conduta que violentam o corpo negro afeminado age nessa escrevivência como um processo de reinvenção de si. Maurício, ao se sentir inconformado com os discursos heteronormativos, passa a dançar. Uma dança que inicialmente é intensa. Os seus braços cortam o vento, rasgam estruturas que tentam controlá-lo. Aos sons dos batuques, ele “vai à lama”, jogando-se, quebrando-se, requebrando-se. Uma dança de muitas contrações, dores, partos. Parir para, assim, partir. Ruir até virar pó. Até estar só. Até não ser mais o que se foi.

Chega-se ao fundo do fim. *De volta ao começo*, como na música de Gonzaguinha. Uma voz reacende a fagulha de vida e Maurício canta: “E é como se eu despertasse de um sonho / Que não me deixou viver / E a vida explodisse em meu peito / Com as cores que eu não sonhei / E é como se eu descobrisse que a força / Esteve o tempo todo em mim”. Maurício, mais enegrecido, afeminado e estranho, dança bonito.

As narrações sobre si, presentes nas escrevivências anteriores, executam uma experimentação estética na produção de conhecimento. O diálogo entre Conceição Evaristo (2007) e as discussões foucaultianas não tem o intuito de organizar um corpo doutrinal a ser seguido ou transportar um único sentido, comum a todos, mas gerar o múltiplo e o que difere. Trata-se de um modo de fazer pesquisa que se alimenta do imbricamento entre escrita acadêmica e narrações poéticas de si.

Acertando as contas com o passado: o que pode o salto alto de uma professora travesti negra?

Ao subverterem a lógica embranquecida e higienizada da universidade, as corporalidades negras, sapatônicas, afrescadas e travestis (re)existem e abrem brechas para se encontrarem. As aulas de “Educação Étnico-Racial e Estudos Contemporâneos” foi um desses espaços em que diferentes corporalidades puderam se reunir em torno de uma educadora travesti negra que aprendia e ensinava a “mandingar” com a universidade.

Aparecido, doutorando em Educação, escreve as aulas a partir das seguintes palavras: “ternura, resistência e gilete afiada”. Ele indica, ainda, que os encontros semanais com a turma “além de me ajudar a entender que a luta contra o racismo é coletiva, me ajuda diariamente a repensar a experiência de ser negro cis de periferia, pai, companheiro e professor de educação básica”.

Uma sala de aula quando é povoada por corporalidades que se sentem à vontade para cirandar os seus saberes, presentifica práticas que afirmam a vida ao oxigenarem o ensinar e o aprender, empenhados na criação de ambientes ricos na fala e na escuta. Assim, pode-se experienciar condições para se viver mais plenamente, como escreve Mariana Souza nos termos a seguir:

Muitas das minhas histórias na universidade foram de violências. Muitas eu só compreendi, o quanto foram injustas, recentemente. Mas, após alguns lugares onde encontrei afeto (tanto na UFES quanto na UFPR), tenho observado as coisas de outra forma. Às vezes vivenciamos tantas questões complicadas que não conseguimos enxergar o quão profundo e violento foi viver aquela experiência. Mas, estudar e compreender como as discriminações ocorrem e com quais ferramentas elas são realizadas faz toda a diferença. Estudar os textos me permitiu observar com mais sensibilidade as situações. Eu aprendi com a bell hooks⁵ que precisamos criar condições para vivermos plenamente, nós mulheres negras (Escrevivência de Mariana Souza).

Rato Capoeira, por sua vez, propõe um regurgitar do espaço acadêmico, afirmando que os encontros experienciados “cospem respostas responsáveis paridas do corpo e das suas múltiplas potências. Doa a quem doer!”. Ao trazer os seus saberes corporais capoeirísticos, Rato joga com o espaço acadêmico, atuando como um brincante que “mandinga” com a pesquisa científica, fazendo a universidade suingar ao som dos seus paranauês:

As reflexões com foco nas relações étnico-raciais contribuíram para ampliar a percepção e a atuação da capoeira na escola de educação infantil. Neste campo educativo, por vezes, a prevalência da branquitude nas experiências pedagógicas infantis mostram fatos por mim observados que levam a apontar a paridade racial branca nas relações cercada de códigos de vivências que marcam a educação das crianças brancas e negras. A partir desse cenário da escola privada, procuro costurar relatos e estudos sobre a branquitude tendo a capoeira como aliada para discutir caminhos para uma educação antirracista, via para ruptura do pacto narcísico da branquitude. Este conceito desenvolvido por Maria Aparecida Silva Bento e discutido nas aulas reforçou fortemente na minha reflexão a respeito da escola e da Universidade pois visivelmente se observa a manutenção dos privilégios brancos (Escrevivência de Rato Capoeira).

A presença da professora Megg na universidade promove “abalos sísmicos” dentro de um lugar marcado por um saber colonizado pela branquitude do saber. Um saber travesti que atravessa e une, sobretudo os seus alunos, que aponta as feridas desses corpos e faz essa gente ir falando, dançando, cantando e se curando dessas mazelas. Os saberes corporificados na professora reuniam uma turma numerosa, envolvida em empretecer e trasvestir a universidade com muita gana de viver, transmutando cenas de violência em uma energia positiva, feliz e revolucionária, como se pode observar nos trechos do diário abaixo:

Pela primeira vez, desde que cheguei em Curitiba (duas semanas atrás), estou em uma sala com maioria de corpos pretos. Senti um entusiasmo nos meus colegas. Além de corpos de maioria preta, tinha uma aluna de Guiné-Bissau, um aluno da Angola, além de discentes de outras regiões do país. Cabelos crespos, turbantes, olhos fixos para uma professora que nos disse: “precisamos subverter esse lugar acadêmico” (Escrevivência de Maurício Barbosa de Lima).

Na aula, vivi um momento único. Várias pessoas negras compartilharam suas experiências escolares e na universidade enquanto estudantes. [...] Uma colega olha para mim e diz: Maurício, hoje me vesti pra você. Ela estava com um turbante amarelo, colares e brincos dourados, roupa branca. “Sou uma mulher negra. Minha religião é de matriz africana. Gostaria que essa universidade soubesse disso ao adentrar seus muros” (Escrevivência de Maurício Barbosa de Lima).

As escrevivências demonstram um interesse considerável pelos estudos que interseccionam raça e gênero no campo da Educação. Esse interesse é ainda mais acentuado e perceptível em corporalidades que não coadunam com a égide de um saber embranquecido e cisheteronormativo. Tais corpos lotam a sala de aula, primeiro pela admiração de ter a professora Megg como a primeira docente travesti da UFPR. Em segundo lugar, por encontrar, ali, um espaço onde o ensinar e o

aprender operam de forma mais horizontalizada, causando fissuras em um saber hegemônico que perpetua práticas autoritárias. Sobre a presença da multiplicidade de corporalidades nas aulas de “Educação Étnico-Racial e Estudos Contemporâneos”, a escrevivência abaixo assim a enaltece:

Corpos diversos.

Diversos encontros. Encontros que lavam a alma e apaziguam a solidão na partilha das experiências, trazendo a mensagem de que não estamos só, não andamos sozinhos. Nunca estivemos só, nunca andamos sozinhos. Apenas estávamos distantes, atuantes em lugares diversos.

Corpos diversos. Corpos potentes [...] (Escrevivência de uma/um discente que não quis se identificar por meio do Google Forms).

Ainda, ousa-se afirmar, a partir das escrevivências elaboradas para a confecção deste artigo, que há uma notória demanda estudantil para que o corpo docente e técnico da universidade pública brasileira seja ocupado por corporeidades negras, afeminadas, sapatônicas e travestis. Os saberes dinamizados por essas corporalidades, aliados a uma postura política que denuncia desigualdades, reafirmam a universidade como um lugar democrático, público e atento às diversas formas de opressão.

Observou-se, também, que a professora, e seu salto alto como instrumento político, age como uma força magnética, atraindo pesquisadoras/es incomodadas/os com um ambiente acadêmico povoado pela omissão e silenciamento das inúmeras situações de desigualdades raciais no Brasil. De acordo com a pesquisadora negra Aparecida de Jesus Ferreira (2017), esses silenciamentos possuem um considerável teor narcísico e de autopreservação, operado pelo saber embranquecido que investe pesado para se manter em lugar de destaque e dominação.

Essa aglutinação de corporalidades que falam sobre si a partir de uma escuta sensível e atenta às diversas formas de opressão está presente no livro *Devir quilomba*, escrito por Mariléa de Almeida (2022). Nele, a autora menciona as conversas que realizou nos quilombos brasileiros, podendo presenciar “falas doloridas sobre os espaços institucionais de educação” (ALMEIDA, 2022, p. 226). Esses depoimentos foram motivados, segundo a referida historiadora negra, pela sua participação em algum evento social nas comunidades. Ela indica que o seu corpo de pesquisadora negra, de alguma maneira, funcionava como um detonador que interrompia um silêncio.

Algo muito similar ocorria nas aulas ministradas pela professora Megg. As escrituras expressam frequentemente uma sensação de comunidade entre a docente e as/os discentes. Em toda aula, as/os discentes reconfiguravam o enfileiramento das carteiras, arrastando-as até formarem um grande círculo. Nesse espaço circular, pesquisadoras/es traziam os seus autorrelatos.

Toda aula mexe muito com todas as pessoas que estão cursando, sempre aparecem relatos pessoais que se relacionam com as leituras que estamos realizando e que tornam tudo muito real. Escutar de meus colegas negros e negras e da própria professora Megg, uma travesti, o tanto de violências explícitas que sofrem quase que diariamente, gera uma fúria dentro de mim [...] Ontem, durante a aula, a Megg me usou como exemplo, como um dos corpos políticos presentes na aula, o meu corpo sapatão.

E, não sei [...] Isso parece que deu um “click” na minha mente e me autorizou a perceber pequenas agressões que eu sofro. Um exemplo: percebi que desde que passei a me vestir de forma mais considerada “masculina”, quando ando sozinha na rua, algumas mulheres costumam ter medo de mim e se afastam na calçada ou, até mesmo, atravessam a rua [...] Ontem, com o que a Megg falou, percebi uma coisa que parece tão simples [...] Eu não sou um homem e acho que isso é perceptível. Essas mulheres não têm medo de mim porque acham que sou um homem. Elas têm medo de mim porque sou sapatão (Escritura de Yasmin Cartaxo Lima).

Yasmin, nas suas palavras de dor e fúria, fala sobre uma sociedade lesbofóbica que tenta silenciar e, se possível, eliminar os corpos que se comportam fora do padrão heteronormativo. A discente, ao perceber as violências sofridas no seu corpo e testemunhar relatos de si de outros colegas de turma, elabora um olhar crítico e social sobre o seu corpo sapatão. A escritura termina, portanto, com uma afirmação: “sou sapatão”. Com isso, Yasmin aponta para uma recriação de sentidos, utilizando um termo que é usado pejorativamente para afirmar as dores e as delícias de ser o que é.

Yasmin, no seu escrever, cria uma contranarrativa que tem o poder curativo dos discursos violentos que ferem o seu corpo. Um saber calcado na centralidade do conhecimento experiencial, atuando como um princípio de pesquisa científica, interessado em trazer as narrativas, contranarrativas e as autobiográficas (FERREIRA, 2017).

Wallace, outro discente que cursou a disciplina, trouxe o seu relato para o grande círculo. Ele contou um pouco das suas experiências de ser uma bicha preta em uma escola elitizada na cidade onde nasceu, localizada no norte do país, registradas no trecho de escritura a seguir:

Hoje, Wallace – fonoaudiólogo, pedagogo – contou seu relato. Ele atualmente mora em Curitiba - PR, mas nasceu em Belém - PA. Falou sobre sua infância em uma escola de elite. Ele, com seis anos, estava com duas amigas na sala. Elas brincavam de se pentear, até que o objeto fica preso no cabelo de uma delas. Como tirar esse pente preso no cabelo? Wallace, resolve o problema com uma tesoura. Era comum ele ver sua mãe no salão cortar os cabelos das clientes. “Fui lá e resolvi o problema” – soluções rápidas e eficazes de uma criança. O corte da tesoura não apenas traz o pente como também um tufo de cabelo. Ele é levado pela diretoria e é questionado: “por que fez isso? quer ser cabeleireiro?” Espontaneamente, responde: “sim.” Sempre viu a profissão de sua mãe como referência. Ser preto, gay, decidido e ainda feliz foi uma afronta para a sociedade. O aluno se emociona na sala ao falar que sempre gostou de andar com mulheres. Delas, recebeu muito acolhimento (Escrevivência de Maurício Barbosa de Lima).

Wallace, ao afirmar o desejo de ser cabeleireiro como a sua mãe, age na contramão de um discurso autoritário que tenta puni-lo pelo seu arredo comportamento frente a uma heteronormatividade. O seu relato é regado pelas suas lágrimas, que acolhem e criam espaços de dança para a sua corporalidade de bicha preta. É um acerto de contas com o passado, como bem afirma Megg Rayara de Oliveira (2020), pois a bicha preta, que antes estava nos cantos escuros de uma sala, passa para a mesa de professora. Ela escapole do que parecia imutável, conquista o direito à fala e passa a “interferir positivamente na vida de estudantes pretos/as e bichas. A certeza de uma existência às beiradas se desfaz” (OLIVEIRA, 2020, p. 155).

Essa professora, ao trazer as suas experiências de vida, dinamiza saberes encarnados que não se limitam apenas a um saber teórico elaborado nos gabinetes mofados de uma universidade retrógrada. O salto alto, quando perfura o chão da sala, possibilita que as/os alunas/os estejam atentas/os às diversas formas de opressão, não para legitimar culpa e medo (OLIVEIRA, 2020, p. 155), mas para agir de modo revolucionário no espaço acadêmico.

Neste momento, pede-se licença para esticar ainda mais o fio entre a escrita acadêmica e artística. Traz-se, a seguir, trechos do poema “ré-ovulação”, escrito pela poetisa paraibana Bianca Rufino (2021, p. 83-86), uma vez que ele traz uma elaboração estética e poética da revolução à qual se vincula neste artigo:

revolução,

de crioula nasce

dessa que germina em seu tempo

e se alastra em sua necessidade

semente que sabe das coisas,

revolução é um ré na evolução

um caos para trás

para gerar impulso

[...]

revolução é

o riso tagarelo depois de anos

de subordinação

andar na estrada e

escrever história de alguém

que andou perto das nuvens

é bicho

encontro de corpos

sapas

veados

frutas

bichas

quando o amor explode

[...]

é aquele fragmento diário e pequeno da

existência

em que se rebenta

e

se nasce um pouco mais que ontem

revolução é mato,

revolução é ato.

O agir revolucionário, presente nas aulas de “Educação Étnico-Racial e Estudos Contemporâneos”, é gestado por meio de microrrevoluções cotidianas que vão se somando, curando feridas, reflorescendo áreas desmatadas, inaugurando vida. As escrituras, neste trabalho, são fundamentais, pois permitem que diferentes narrativas fabriquem novos sentidos e celebrem os saberes das corporalidades negras, afeminadas, sapatônicas e travestis. Nesse processo, é comum que relatos de dores apareçam, indicando cenas recorrentes de racismo, lesbofobia, homofobia, transfobia, sexismo, dentre outras. Trabalhar com a dor não é estagnar em uma zona entristecida do lamento. Trabalhar com a dor, nesse sentido, é desenvolver um saber crítico e inventivo sobre si, sobre outras corporalidades e como se configura uma coletividade. É trabalhar com as próprias dores para criar gestos que afirmam a vida. E trabalhar com as próprias dores é um voltar para trás para pegar impulso. Como a flecha assertiva de Oxóssi que, para atingir o seu alvo, inclina-se, tencionando a corda do arco, gerando uma energia potencial elástica. Trabalhar com a dor é dar uma “ré” na “evolução”, para que a cura enfeite os corpos com cicatrizes dançantes e revolucionárias.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba**: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante: 2022.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- COSTA, Eduardo Antonio de Pontes. A escrita em atos de pesquisa. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (org.). **Escritas de si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e educação básica. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 107-116.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. [Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- DEMÉTRIO, Fran; BENSUSAN, Hilan Nissior. O conhecimento dos outros: a defesa dos direitos humanos epistêmicos. **Revista do CEAM**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 110-124, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://zenodo.org/record/3338716#.Yz230HbMLIU>. Acesso em: 4 abr. 2022.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Modos de trabalhar uma formação inventiva de professores: escrita de si, arte, universidade e escola básica. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (org.). **Escritas de si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e educação básica. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 13-36.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (org.). **Escritas de si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e educação básica. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 236-263, jul./out. 2017. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/TEORIA-RACIAL-CR%C3%8DTICA-E-LETRAMENTO-RACIAL-CR%C3%8DTICO.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

KASTRUP, Virgínia; GURGEL, Verônica. O papel da escrita na formação de professores e o problema da coemergência. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (org.).

Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e educação básica. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 60-71.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Felipe de Almeida. A identidade homossexual e negra em Alagoinhas.

Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades, Natal, v. 1, n. 1, p. 269-286, jul./dez. 2007.

LIMA, Renata Moraes; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Cartas como método de pesquisa na formação do professor. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (org.). **Escritas de si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e educação básica. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 86-96.

OLAZA, Mónica. Uruguay legisla acciones afirmativas para afrodescendientes. **Contra Relatos desde el Sur**, Córdoba, v. 12, p. 117-131, 2015. Disponível em:

<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/contra-relatos/article/view/20532>. Acesso em: 1 ago. 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. *In*: OSMUNDO, Pinho; SANSONE, Livio (org.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 257-284.

RATTS, Alex. Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb. *In*: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira (org.). **Homossexualidade sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Booklinks/Teresina: Grupo Matizes, 2007.

RUFINO, Bianca. **Zíngara**. João Pessoa: Editora Triluna, 2021.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, maio/ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002. Acesso em: 24 jan. 2023.

NOTAS

- 1 Convém explicar que, tanto o nome da professora quanto o das/dos alunas/os participantes desta pesquisa, foram utilizados a partir de prévia autorização por meio de formulário on-line via Google Forms, no qual puderam fornecer, inclusive, um pseudônimo.
- 2 As/os autoras/es serão citadas/os a partir do primeiro nome. Esta escolha se dá, sobretudo, para valorizar os nomes das pesquisadoras mulheres cisgêneras e travestis presentes neste artigo.
- 3 Embora a norma gramatical oriente o uso do termo plural autores, opta-se por utilizar o termo a autora e o autor neste artigo. Essa escolha é uma postura política que visa evidenciar a pesquisadora travesti autora do artigo.
- 4 Essa questão do projeto epistêmico cibernético advém de uma leitura a uma perspectiva kantiana relacionada à Ciência, no sentido de uma crítica à neutralidade científica e de uma postura que tensiona a relação distanciada entre objeto e pesquisador.
- 5 Mariana Souza faz menção à autora negra e feminista bell hooks.